

A partir do Sul: As Exportações Sustentam a Economia da Região

As exportações tornaram-se parte cada vez mais importante da economia da região. A globalmente interligada economia da região Sudeste - com sua localização privilegiada, grande número de portos e vasta linha costeira - está contribuindo para o aumento, talvez inesperado, das exportações, tais como o intenso fluxo de viajantes internacionais, cujos gastos na região Sudeste ocupam importante lugar nas exportações.

Quando Marc Skalla e seu irmão Rusty assumiram as rédeas dos negócios da família em 2009, eles pensavam grande - em milhões de novos clientes em outros países. A empresa, SASCO Chemical Group, Inc. - indústria química especializada em produtos inofensivos ao meio ambiente - sobrevivera 60 anos com bem poucas exportações, mas Skalla sabia que para expandir de forma significativa o negócio baseado na cidade de Albany, Georgia, ele teria que se aproximar de centenas de milhões de consumidores que vivem fora dos Estados Unidos.



Em 2010, depois de alguns trancos e barrancos e com a ajuda do Departamento de Desenvolvimento Econômico da Georgia, a SASCO começou a efetivamente exportar para novos mercados na América Latina, Espanha e Reino Unido. Em um ano as exportações da empresa haviam crescido 120%, o que lhes valeu o prêmio de Comércio Internacional do Governador em outubro de 2011. Atualmente, a experiência de dois anos de exportações da SASCO a aproximou da realização das ambições dos Skalla - as receitas aumentaram 50%, sua folha de pagamentos cresceu aproximadamente 15%, e no ano passado a empresa inaugurou um centro de pesquisa e desenvolvimento de última geração em Macon. Apesar

do precoce sucesso da empresa com as exportações, esse crescimento é só o começo, disse Skalla. "É como subir uma escada, e nós estamos apenas no segundo lance".

Vale notar que a SASCO conseguiu alcançar esses ganhos mesmo quando a economia como um todo estava cortando postos de trabalho e lutando para se recuperar da recessão de 2007-2009. De fato, embora a discussão sobre o comércio EUA em grande parte gire em torno do enorme déficit comercial da nação ou do mito geralmente aceito de que o setor produtivo dos Estados Unidos encolheu até tornar-se insignificante, o sucesso da SASCO enfatiza uma importante tendência que está ocorrendo na região Sudeste e em todo o país - as exportações estão crescendo e esse processo está contribuindo para a recuperação econômica.

O aumento das exportações melhora a situação da região Sudeste

Sem dúvida, as exportações têm sido um dos aspectos positivos dos últimos anos. Depois de despencar abruptamente durante a crise mundial em 2009, o valor das exportações de mercadorias e serviços dos EUA recuperou-se significativamente. De acordo com o Departamento de Comércio dos Estados Unidos, as exportações cresceram cerca de 14% para uma alta recorde de US\$2,1 trilhões em 2011. A recuperação foi ainda mais forte na região Sudeste, onde apenas as exportações de mercadorias cresceram mais de 20% chegando a US\$213 bilhões (número que seria ainda maior se o cômputo das exportações por Estado do Departamento de Comércio incluísse exportações de serviços tais como turismo e serviços comerciais e profissionais).

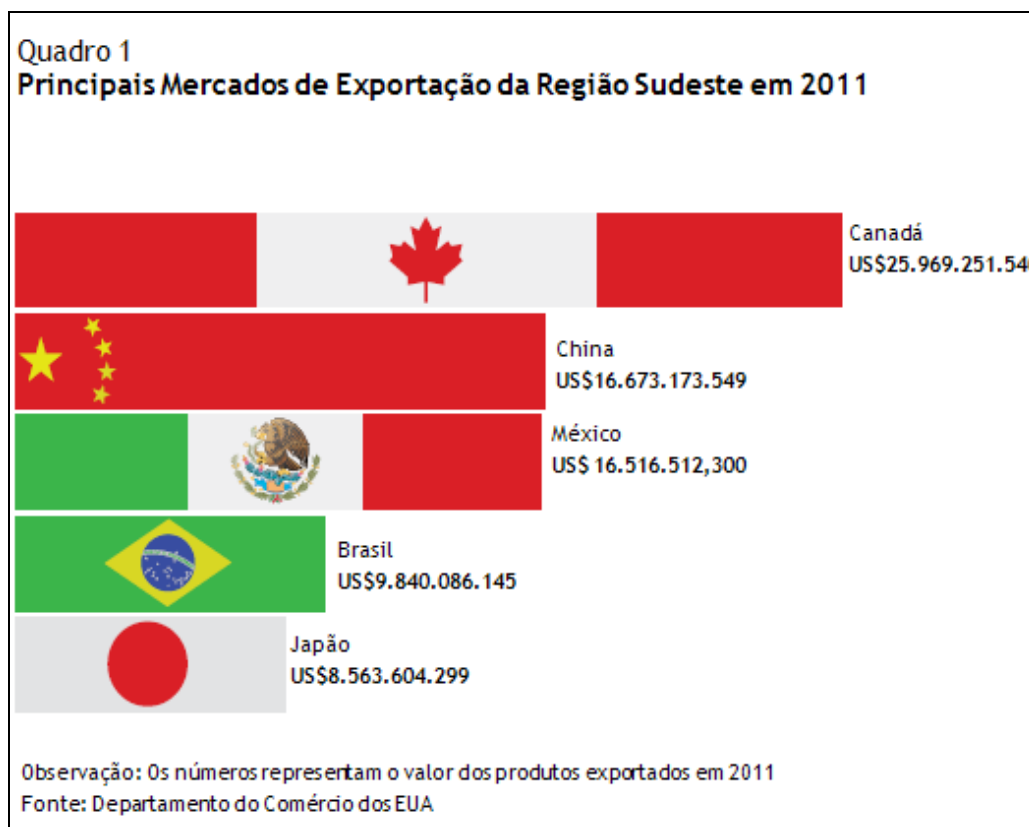
Com efeito, as exportações foram responsáveis por quase metade do aumento do produto interno bruto (PIB) dos EUA desde o final da recessão em 2009. As exportações também criaram empregos. De acordo com um relatório de 2010 divulgado pelo Departamento de Comércio dos EUA, a cada US\$165.000,00 em exportações, um posto de trabalho é criado ou mantido. Um estudo da *Brookings Institution* revelou que o número de postos de trabalho mantidos pelas exportações cresceram quase 6% em 2010 - período em que a economia, em geral, estava cortando postos de trabalho. Os produtos exportados pela região Sudeste também beneficiam setores como o de transportes (vide artigo sobre o setor de transporte rodoviário nesta edição).

O impacto sobre o emprego na região Sudeste é evidente, especialmente no setor manufatureiro, no qual está concentrada a maior parte das atividades de exportação da região. De acordo com o Departamento de Comércio, pelo menos 20% dos postos de trabalho do setor produtivo, em 2009, dependiam das exportações em alguns Estados da região - a saber, Alabama, Georgia, Louisiana e Tennessee. Além disso, os postos de trabalho relacionados às exportações pagam, em média, melhor que aqueles dos setores voltados para o mercado interno. Segundo o Departamento de Comércio esses salários são de 13% a 18% acima da média nacional.

Com esses benefícios, talvez não seja de se surpreender que o Governo Federal tenha tornado as exportações um dos pilares de seus esforços para fomentar o crescimento econômico. A Iniciativa Nacional de Exportação, lançada em janeiro de 2010 pelo Governo Federal com a participação de uma série de órgãos federais, tem como objetivo dobrar as exportações dos EUA até o final de 2014, aumentando a proteção ao comércio internacional, melhorando o acesso a financiamento de exportações e removendo barreiras comerciais, dentre outras coisas.

As economias em desenvolvimento estimulam o aumento das exportações

Uma série de fatores está impulsionando as exportações, inclusive o forte crescimento econômico e a expansão da classe média em muitos mercados emergentes, especialmente o trio de potências formado por Brasil, Índia e China. Embora mais de 1/3 das exportações dos Estados Unidos sejam destinadas ao Canadá e México, as assim denominadas economias BIC vêm se tornando importantes mercados para as mercadorias e serviços dos EUA. De fato, as exportações para esses países quase dobraram em valor entre 2007 e 2011, e sua participação no total das exportações cresceu de 9% para 11% de acordo com o Departamento de Comércio.



Especialmente a China e o Brasil constituem força crescente para o mercado de exportações da região Sudeste. Esses países - juntamente com o Canadá, México e Japão - foram os maiores mercados de exportação da região em 2011. As exportações da região Sudeste para a China - incluindo equipamentos de transportes, papel e produtos agrícolas - alcançaram nos últimos quatro anos quase US\$17 bilhões - mais de 120% de crescimento. Da mesma forma, o Brasil solidificou sua posição como um dos principais destinos para exportações da região Sudeste tais como produtos químicos, equipamentos de transporte e produtos de petróleo e carvão mineral (vide quadro 1). As exportações de mercadorias da região para o Brasil - a principal economia da América do Sul - cresceram mais que 60% entre 2007 e 2011, alcançando US\$9,8 bilhões.

Além do forte crescimento dos mercados emergentes, outros fatores como acordos comerciais, taxas de juros e taxas de câmbio também ajudaram a promover as exportações do país, esclareceu Gary Hufbauer, membro sênior do *Peterson Institute for International Economics*.

“Não apenas nos EUA, mas globalmente, as taxas de juros estão muito baixas”, observou ele. E isso tem sido “muito animador para as indústrias de bens de capital - e os bens de capital são uma área em que os EUA são extremamente fortes” acrescentou. Ainda, “com relação às moedas da América Latina, o dólar dos EUA é bastante competitivo” o que ajudou a tornar as mercadorias e os serviços dos Estados Unidos mais acessíveis nesses países.

Carros ajudam a aumentar as exportações

Esses e vários outros fatores contribuíram para fortalecer o talento para exportações da região Sudeste. Em 2011, as exportações de mercadorias da região respondiam por quase 15% do total dos EUA de acordo com os dados do Departamento de Comércio. Mas talvez o maior sucesso na história das exportações seja o setor de equipamentos de transporte que com mais de US\$30 bilhões foi a mais alta categoria de exportações da região em 2011. Grande parcela dessas exportações foi produto da robusta indústria de produção automobilística da região Sudeste que se expandiu nas últimas décadas quando montadoras estrangeiras tais como a Kia Motors, Volkswagen e Nissan implantaram suas fábricas na região.

Conforme mencionado em um artigo do *USA Today* de abril de 2012, a capacidade excedente das fábricas, as taxas de câmbio e os acordos de livre comércio tornaram os Estados Unidos um país mais atraente para a /montagem de automóveis. Consequentemente, as exportações de automóveis deram um salto nos últimos cinco anos. A região Sudeste está colhendo sua parte dos benefícios - várias das linhas de montagem que intensificaram as exportações estão localizadas na região, incluindo as fábricas da Mercedes-Benz e Hyundai no Alabama, as fábricas da Nissan no Tennessee e em Mississippi e a fábrica da Kia na Georgia. Nos quatro anos anteriores a 2011, as exportações de equipamentos de transportes da região, das quais grande parcela é de automóveis, aumentaram cerca de 33% de acordo com o Departamento de Livre Comércio. Além disso, o Acordo Comercial entre os Estados Unidos e a Coreia do Sul (KORUS FTA) que entrou em vigor em março deste ano deverá incentivar ainda mais as exportações de automóveis. O KORUS FTA, apenas um de uma série de acordos comerciais assinados nos últimos anos, derrubou importantes barreiras tarifárias sobre quase todos os veículos dos EUA e praticamente eliminou as tarifas sobre autopeças.

Embora os equipamentos de transportes sejam, sem dúvida, a principal categoria de exportações da região, várias outras também têm importância regional (vide quadro 2). Os exportadores da região Sudeste venderam mais do que US\$28 bilhões em produtos químicos, US\$23 bilhões em produtos de petróleo e carvão mineral e cerca de US\$23 bilhões em computadores e produtos eletrônicos em 2011. Em um nível menos elevado, porém ainda significativo, a região exportou mais do que US\$16 bilhões em máquinas e mais de US\$7 bilhões em produtos de papel durante o mesmo período.

Ademais, a agricultura - que já foi carro chefe da economia da região Sudeste - continua a figurar de forma proeminente entre as exportações da região. Na medida em que as exportações agropecuárias cresceram nos Estados Unidos como um todo atingindo US\$136 bilhões em 2011- um crescimento de 18% -, - o mesmo ocorreu na região Sudeste - de acordo com o Departamento da Agricultura dos EUA. "A última década tem sido fantástica" para as exportações agrícolas e alimentícias da região, que se beneficiaram da forte demanda estrangeira, explicou Jerry Hingle, presidente e diretor executivo da *Southern United States Trade Association* (SUSTA -

Associação Comercial da Região Sudeste dos EUA). “Nós experimentamos forte crescimento em muitas coisas que são cultivadas aqui, tais como algodão, soja, trigo e arroz”, acrescentou ele. De fato, as exportações de produtos agrícolas da região Sudeste alcançaram US\$21 bilhões em 2011, respondendo por quase 30% do total de exportações dos EUA de acordo com o Departamento de Comércio.



O impacto é ainda maior quando os US\$10 bilhões de exportações de alimentos manufaturados da região são incluídos. Essa categoria - que abrange produtos agrícolas com valor agregado, tais como alimentos especiais, carne e frutos do mar e uma série de outros alimentos processados - experimentou crescimento constante nos últimos anos. É importante ressaltar que no caso dos alimentos processados, cria-se valor nacionalmente, explicou Hingle. Quando embarcados para o exterior, esses produtos são normalmente consumidos lá e não re-importados pelos Estados Unidos. "Dessa forma, é um verdadeiro motor econômico", disse ele.

Embora mercadorias como essas constituam a maior parte das exportações dos Estados Unidos, o competitivo setor de serviços do país também responde por uma parcela significativa. As exportações de serviços que somaram US\$600 bilhões em 2011, responderam por cerca de 30% do total das exportações. O governo não publica dados discriminados por Estado com relação a exportação de serviços, portanto é difícil se ter uma leitura exata das exportações da região de serviços comerciais e profissionais, *royalties*, taxas de licenças e serviços financeiros, dentre outros. Mas segundo dizem os contatos do FED de

Atlanta, a economia da região Sudeste representa em grande parte a economia dos EUA, a tendência da região é provavelmente a de refletir a situação apresentada no cenário nacional.

Os Sul-Americanos vêm às compras

Um importante componente das exportações de serviços dos EUA são as viagens. Quando visitantes estrangeiros fazem compras nos Estados Unidos - alimentação e alojamento, por exemplo, são considerados exportações. As exportações de viagens, que respondem por 1/5 do total dos serviços exportados, atingiram US\$13 bilhões em fevereiro de 2012, de acordo com o *Office of Travel and Tourism Industries* (OTTI) dos EUA. Assim como as exportações em geral, as viagens de estrangeiros para os Estados Unidos caíram significativamente durante a crise mundial, mas se recuperaram nos últimos dois anos. Até 2011 as visitas internacionais aos Estados Unidos alcançaram o recorde de 62 milhões de pessoas, sendo que mais da metade deles procedentes do Canadá e do México.



Concomitantemente, visitantes de outros locais respondem por uma parcela cada vez maior de exportações de viagem, uma tendência que se espera, continue no futuro próximo. A OTTI projeta que o número de visitantes da América do Sul e da Ásia crescerá nacionalmente até 47% e 49%, respectivamente até 2015.

Com seu clima temperado e uma grande variedade de atrações, a região Sudeste é um dos principais destinos de viajantes estrangeiros, fato esse particularmente evidente na Flórida que ficou em segundo lugar, perdendo apenas para Nova York, na atração de visitantes internacionais em 2010 de acordo com a OTTI. Nicki Grossman, presidente e diretora executiva do *Greater Fort Lauderdale Convention and Visitors Bureau* e membro do Conselho Consultivo de Viagem e Turismo do FED de Atlanta, viu o impacto das viagens de estrangeiros em primeira mão. A área do sul da Flórida que ela representa experimentou um aumento repentino de visitantes da América Latina, especialmente do Brasil. Essa tendência está ocorrendo em todo o Estado, de acordo com os dados da *Visit Florida*, organização que comercializa o setor de turismo do Estado. Em 2011 o

Brasil foi a segunda maior fonte de visitantes internacionais ao Estado. O México e a Argentina ficaram logo atrás ocupando o quarto e quinto lugar, respectivamente.

De fato, os viajantes, consumidores e profissionais brasileiros ocuparam uma posição de tamanho destaque na economia do Estado que em 2011 o país foi denominado “*Floridian of the Year*” pela revista *Florida Trend*. Segundo explica o artigo, a Flórida se tornou o destino número um para viajantes brasileiros, com mais de um milhão de visitantes no Estado em 2010. Os fatores que levaram a esse aumento repentino são de duas ordens, observou Grossman. Muitos brasileiros estão visitando amigos e familiares na área. Mas, além disso, "eles vêm para comprar", disse ela. Essa tendência se deve em parte ao fato de vários dos itens demandados, tais como roupas, sapatos e eletrônicos serem mais baratos aqui, explicou. O tráfego de visitantes no Sawgrass Mills, um shopping de ponta de estoque (*outlet*) em Sunrise, na Flórida, acentua a atração de turistas voltados ao varejo. O shopping center atraiu mais de 40 milhões de visitantes nacionais e internacionais em 2011 e, de acordo com Grossman, cerca de 50% dos cartões de crédito utilizados no shopping eram do Brasil. Ela espera que essa entrada de viajantes brasileiros e de outros países da América Latina continue “enquanto suas economias estiverem fortes e eles estiverem querendo gastar em viagens,” acrescentou.

Fatores imprevistos podem interromper esse impulso

É lógico que as exportações estão sujeitas a influências além das fronteiras dos Estados Unidos, e alguns dos mesmos fatores que atualmente favorecem exportações mais vigorosas também podem reverter esse impulso. As exportações são vulneráveis aos caprichos da economia mundial, incluindo o crescimento dos principais parceiros comerciais e a força relativa de outras moedas. Por exemplo, muitos dos principais mercados emergentes que compram mercadorias dos EUA podem ser afetados pela crise da Zona do Euro e diminuir seu crescimento econômico. Conforme observado por Michael Chriszt, vice-presidente do departamento de pesquisas do FED de Atlanta e Galina Alexeenko, uma das diretoras da Rede de Informações Econômicas Regionais do FED de Atlanta, em um *post* no *blog SouthPoint* em janeiro de 2012, a região Sudeste não tem grande exposição à Europa. No entanto, a crise poderá ter um impacto indireto sobre as exportações da região por meio dos mercados emergentes. De acordo com um artigo publicado em janeiro de 2012 no *Wall Street Journal*, as exportações poderão ser atingidas se os credores europeus reduzirem sua exposição aos mercados emergentes devido a novas exigências de capital patrimonial.

Já começam a aparecer sinais de que o perigoso ritmo de crescimento econômico em muitas economias emergentes está começando a diminuir. Em sua edição *World Economic Outlook* de abril de 2012, o Fundo Monetário Internacional projetou que o crescimento nas economias emergentes e em desenvolvimento iria diminuir para 5,7% em 2012, quase meio ponto percentual abaixo do crescimento de 2011.

Finalmente, se o tumulto nos mercados financeiros globais fosse fazer com que o Dólar dos EUA ganhasse força em relação a outras moedas devido a sua condição de "segurança", esse fortalecimento poderia enfraquecer as exportações da região, explicou Hufbauer, do *Peterson Institute*.

Espaço para crescer

Embora os Estados Unidos tenham se beneficiado das vigorosas exportações, ainda há muito espaço para crescer. Somente 1% das empresas nacionais exportam seus produtos. Ao mesmo tempo, 95% dos consumidores de todo o mundo estão além das fronteiras dos Estados Unidos. Para enfatizar ainda mais seu potencial, as exportações, que representam aproximadamente 13% do PIB, são responsáveis por uma parcela bem menor da economia dos EUA, comparada à de outras economias desenvolvidas. Por exemplo, as exportações respondem por 29% do PIB do Canadá, 25% do da França e colossais 47% do da Alemanha. Embora o índice relativamente baixo dos Estados Unidos seja, em parte, reflexo de seu enorme mercado interno, os economistas concordam basicamente que estimular as exportações dos Estados Unidos renderá benefícios significativos para a economia como um todo não só criando novas oportunidades de crescimento, como também ajudando na criação de empregos, aumentando a produtividade e reequilibrando a economia dos Estados Unidos.

Este artigo foi escrito por Lela Somoza, colunista da EconSouth.